

sangue novo

A denúncia social no som da Asterisma

Andressa Pufal

A denúncia social e o grito de uma juventude em descompasso com o presente e sem ancoragem no amanhã se encontram no rock melancólico e denso da Asterisma. Com seis anos de estrada, o quarteto porto-alegrense articula, entre matrizes do emo, do pós-punk e do indie rock, as fraturas urbanas do Sul Global e os dilemas de uma cena musical ainda muito longe das capitais.

Formada por João Lentino e Leo Klein (guitarras e vocais), Lucas Ramos (baixo e vocal) e Sofia Tonolli (bateria e vocais), a Asterisma acaba de retornar a Porto Alegre após uma turnê que passou por Caxias do Sul, Florianópolis, Curitiba e São Paulo. O giro divul-

gou o EP *Irmãos, Rivais*, gestado em parceria com os gaúchos da Rugby Brasileiro.

“Foi muito legal esse espaço criativo conjunto de duas bandas diferentes. Eu acho que a gente conseguiu tirar um som que é muito Rugby e muito Asterisma”, resume Sofia, baterista e vocalista do grupo. Lançado em 6 de outubro, o trabalho imprime a melancolia visceral da Asterisma nas faixas reflexos e porto alegre ficou pequena demais pra nós dois.

Nesta última, os músicos tateiam a própria condição da criação independente no underground porto-alegrense, sob guitarras pesadas que ecoam: “Só suma dessa cidade / Pois eu odeio tanto cantar / Tudo aquilo que você compõe”. Já em reflexos, a voz



Quarteto porto-alegrense realizou turnê de divulgação do EP *'Irmãos, Rivais'*, e utiliza a música como protesto

dá vazão ao lamento das disputas e silêncios do âmbito familiar: “O meu sangue não é cola / Que o amor que me consola / Não foi prescrito no berço”, denunciando fricções domésticas muitas vezes naturalizadas.

“Foi muito insano porque a gente não tinha tocado fora do Estado em todos esses anos e do nada a gente foi para três cidades”, celebra Sofia, destacando o esgotamento dos ingressos em São Paulo e Curitiba.

Com referências que passam pelo pós-punk oitentista, pela canção de protesto, pelo indie rock e pela visceralidade do punk por-

to-alegrense, a Asterisma costura em suas composições a precarização do trabalho, o cansaço do artista independente, as tensões da cidade e o protagonismo feminino na cena alternativa. A trajetória começou na pandemia, desdobrando-se no álbum de estreia homônimo (2023) e no disco honra entre os novos ladrões (2025).

“A gente é bem raivoso, no sentido de ser inconformado com algumas coisas da realidade”, reflete a baterista. “Não são músicas diretamente políticas, são mais um manifesto. Particularmente, eu gosto de ter a banda porque é um espaço para externalizar muita

coisa. Eu sou uma pessoa que no dia a dia acaba se adaptando muito, e na minha música eu vou lá e grito sobre o que eu não gosto.”

Se ocupar o palco sendo mulher já é um ato de ruptura, estar à frente da percussão e da voz em um projeto de protesto amplifica essa presença. “Um pouco do ser mulher é sempre duvidar dos nossos lugares de pertencimento e não reconhecer nossas conquistas. Além de cantar, eu sou a baterista. Então eu faço duas coisas que são disruptivas. Não temos muitas bateristas nessa cena de agora e cantando. Então, eu me sinto orgulhosa de estar nesse lugar.”

qual é a boa?

A redação do JC traz as melhores dicas culturais para o fim de semana de 30 de outubro a 1º de novembro



Um dos maiores compositores de rock português – o pianista Jorge Palma – morreu recentemente, no dia 21 de setembro, em Lisboa. Conhecido pelas letras poéticas e os arranjos líricos, Palma é como se fosse uma versão lusitana do argentino Fito Páez, do norte-americano Bob Dylan ou do brasileiro Caetano Veloso. Apesar da notoriedade em outros países lusófonos, ele ainda não é muito conhecido no Brasil. Um bom começo para adentrar na obra de Jorge Palma é o álbum *Só* (1991), em que o cantor português interpreta suas canções ao piano. Lá estão clássicos do artista europeu, como *A Gente Vai Continuar*, *Frágil* e *Deixa-me Rir*.

Marcus Meneghetti,
repórter de Política



Que tal conhecer calçados feitos de peles de tilápia, rã e crocodilo, palha, junco e madeira? A exposição *Estranhamentos*, do Museu Nacional do Calçado, em Novo Hamburgo, propõe olhar além do convencional e descobrir como designers e artesãos transformam materiais inusitados em peças cheias de técnica, funcionalidade e beleza. A mostra convida a refletir sobre criação, natureza, tecnologia e consumo. A visitação é gratuita, de segunda a sexta, das 9h15min às 11h30min e das 14h às 18h, no Campus I da Feevale (avenida Dr. Maurício Cardoso, 510). Visitas em outros horários podem ser agendadas pelo telefone (51) 3584-7101.

Osni Machado,
colunista



Minha dica para esta sexta-feira é o show dos Paralamas Clássicos, às 21h, no Salão de Atos da PUCRS (Ipiranga, 6681, Prédio 04), que rola na cerimônia do Mérito Cultural PUCRS 2026, homenagem à banda pelos mais de 40 anos de estrada. Já vi os Paralamas três vezes e é sucesso atrás de sucesso. O trio formado por Herbert Vianna, Bi Ribeiro e João Barone, acompanhado de João Fera (teclados), Monteiro Jr. (sax) e Bidu Cordeiro (trombone), vai passear por 33 canções, de *Cinema Mudo* (1983) até os trabalhos mais recentes. Os ingressos custam de R\$ 100 a R\$ 550, no Sympla ou na bilheteria do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS.

Joana Luna Camargo,
repórter de Cultura



Celebrando o mês das crianças e o início da Feira do Livro, minha recomendação são as atrações para os pequenos, que ocorrerão na Praça da Alfândega. A Feira oferece para o público infantojuvenil, de sexta-feira a domingo, eventos que buscam aproximar os jovens do universo da leitura. Durante o dia inteiro, das 10h às 18h, contação de histórias, sessões de autógrafos, AnimeXtreme, entrevistas e lançamentos de livros tomarão conta da Praça. Toda a programação é gratuita. Minha dica específica é a contação de histórias sobre o Saci Pererê para a primeira infância, que vai ocorrer no sábado, das 10h às 15h, no estande do Porto das Histórias Sulgas.

Andressa Pufal,
repórter de Cultura